

# ENGENHARIA DIDÁTICA: DAS PRÁTICAS ESCOLARES DE LEITURA E ESCRITA À FRUIÇÃO DO TEXTO

Luiz Antônio Ribeiro<sup>1</sup>  
Aurélio Takao Vieira Kubo<sup>2</sup>

## Aspectos teóricos: leitura literária e projeto de engenharia didática

Um projeto de Engenharia Didática que contemple a formação do leitor deve fundamentar-se sobre a seguinte questão: que leitor queremos formar? Para Uchôa (1991, p. 76), leitor é “aquele que, lendo um texto, é capaz de discutir ideias, expor interpretações individuais e partilhar das experiências geradas pela incursão nos textos, em suma, alcançar o adentramento crítico da leitura feita.” Embasa esse conceito o caráter dialógico da linguagem defendido por Bakhtin (1986), para quem a verdadeira substância da língua constitui-se pelo fenômeno social da interação verbal. Essa concepção de dialogismo encontra ressonância nas afirmações do crítico literário Antônio Cândido acerca do papel da literatura. Para esse autor, “Ao confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, a literatura possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um “bem incompressível”, pois confirma o homem na sua humanidade...” (CÂNDIDO, 1995, p. 243). O texto literário, dado o seu caráter ficcional, poético e/ou dramático, possibilita-nos expressar a nossa visão de mundo, vivenciar a experiência do outro, bem como romper os limites do tempo e do espaço. Nos dizeres de Cosson (2007, p. 17), “a literatura é uma experiência a ser realizada”.

As considerações acima apontam para uma compreensão da leitura – e em especial a de leitura literária – como um exercício do olhar, uma experiência estética individual. Nesse sentido, trazemos à baila as reflexões de Vygotsky acerca do pensamento, cuja origem reside na esfera motivacional e envolve predisposições, interesses, afeições e emoção. Para esse autor,

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. (VYGOTSKY, 2003, p. 121)

Considerando-se que as reações emocionais estão na base do processo educativo, é necessário que as atividades de leitura sejam impulsionadas de tal forma que oportunizem a fruição literária. A fruição literária nos propicia experimentações singulares, visto que a literatura, enquanto manifestação estética, fundamenta-se na opacidade, na plurissignificação, na recriação da realidade a partir de modos de apropriação específicos. Nesse sentido, a fruição literária distingue-se do prazer gratuito, conforme assevera Barthes em suas considerações sobre o prazer do texto:

Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 1987, p. 20-21)

---

<sup>1</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Timóteo-MG. *E-mail:* [luiz.antonio.ribeiro32@gmail.com](mailto:luiz.antonio.ribeiro32@gmail.com).

<sup>2</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Timóteo-MG. *E-mail:* [aureliokubo@gmail.com](mailto:aureliokubo@gmail.com).

A fruição literária deve provocar rupturas com as convenções, vivências emocionais inusitadas e complexas, bem como reconstrução de valores, pensamentos e sentimentos. Mas como transformar as aulas de leitura em um conjunto de atividades estruturadas e articuladas com vistas à fruição literária?

Tal questionamento nos leva a refletir sobre a Engenharia Didática como um campo particular do ensino de língua no contexto do sociointeracionismo discursivo. Para Dolz (2016, p. 241), a Engenharia Didática “organiza, transforma e adapta os saberes sobre a língua e as práticas discursivas para o ensino”. Seu objetivo consiste na concepção de projetos escolares e na elaboração de “dispositivos, atividades, exercícios, materiais escolares e novas tecnologias da comunicação escrita, oral e audiovisual” (idem). Assim, ela deve organizar as formas sociais das práticas escolares, elaborar ferramentas de aprendizagens, orientar as intervenções e as práticas didáticas, além de promover pesquisas sobre as inovações implementadas.

Dolz destaca quatro fases que constituem um projeto de Engenharia Didática: análise prévia do trabalho de concepção; concepção de um protótipo de dispositivo didático; experimentação; e análise *a posteriori*. A observância a essas fases é fundamental se quisermos que os alunos experienciem situações de comunicação as quais façam sentido para si e lhes permitam participar ativamente da construção do conhecimento.

### **Metodologia da pesquisa**

A pergunta-chave norteadora desta pesquisa é: como as sequências didáticas podem ser planejadas, a fim de favorecerem práticas de leitura com foco na fruição literária e na vivência emocional do leitor? Partiu-se da hipótese de que o desenvolvimento de um projeto de Engenharia Didática, relativo a práticas de leitura com foco na fruição literária e na vivência emocional dos alunos, potencializa a vivência de experiências estéticas e humanizadoras. Objetivou-se verificar como e se o desenvolvimento de um projeto de Engenharia Didática na área de leitura literária com base na experientiação e na exploração do potencial emocional dos alunos contribui para a sua formação leitora. O *corpus* contempla um projeto de Engenharia Didática constituído de uma sequência didática organizada e implementada, de atividades realizadas pelos alunos e dos processos avaliativos realizados. Para a análise feita neste artigo, considerou-se um conjunto de setenta e oito textos produzidos pelos alunos.

### **Apresentação dos dados**

Diante do desafio de planejar as atividades de recepção dos alunos do 1º ano do Ensino Médio no início do ano letivo de 2016, uma equipe de professores de uma escola da rede federal de ensino, que integram a área de Linguagens e Códigos, engajou-se no desenvolvimento de uma proposta interdisciplinar que permitisse estabelecer um quadro diagnóstico dos conhecimentos prévios dos alunos sobre leitura e produção de textos. Além disso, levou em conta as atividades que seriam desenvolvidas para a Olimpíada de Língua Portuguesa de 2016 e, conseqüentemente, o gênero crônica como objeto de ensino a ser explorado.

As atividades propostas fundamentaram-se nas quatro etapas previstas para um projeto de Engenharia Didática, assim delineadas:

- **1ª Fase – análises preliminares:** referiu-se à construção de um referencial teórico-metodológico que abrangesse a organização geral da pesquisa e os conhecimentos mais específicos da sequência didática a ser planejada e implementada. Essa etapa foi constituída de cinco encontros presenciais com duração de quatro horas cada. As principais ações

desenvolvidas foram: definição da proposta de trabalho; levantamento de material bibliográfico que suportasse a pesquisa empreendida; e levantamento de materiais didáticos, que pudessem servir como suporte para a construção dos objetos de ensino.

- **2ª Fase – construção de um protótipo de dispositivo didático:** consistiu da concepção de uma sequência didática que permitisse ao aluno-leitor um trabalho ativo com a leitura, por meio do qual ele pudesse construir sentidos, explorar o seu conhecimento de mundo, desenvolver a imaginação e o senso crítico, relacionar-se com os seus pares, professores e familiares, bem como expressar-se por meio da linguagem artisticamente trabalhada.
- **3ª Fase – experimentação:** diz respeito à aplicação da sequência didática, que se constituiu de oficinas realizadas em dez encontros presenciais, de duas horas/aula cada. Além das atividades presenciais, foram planejadas atividades extraclasse, como leitura de textos, entrevistas e produção textual.
- **4ª Fase – análise dos resultados:** apoiou-se em um conjunto de informações coletadas na experimentação, por meio de registros orais e das produções escritas. Em cada encontro, professores e alunos realizaram uma avaliação processual relacionada aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. O desempenho dos alunos durante as atividades e os resultados alcançados constituíram insumos para o planejamento das etapas e a participação na 5ª edição da Olimpíada da Língua Portuguesa.

## Discussão dos dados

Nesta pesquisa, centramos a análise na atividade em uma proposta de escrita colaborativa realizada pelos alunos. Os participantes deveriam criar cenas narrativas de uma crônica, com temática livre, inspirados pela audição de uma música previamente escolhida pelos professores.

As temáticas relevantes na produção dos alunos foram: morte, aventura, mistério, namoro, fantasia, viagens, contaminação, violência, romance, escolarização, adolescência, relações familiares, nostalgia da infância, loucura, drogas e diversão. Primeiramente despertaram-nos a atenção os altos índices de “morte e assassinatos” e de “aventura, suspense e mistérios”, seguidos de “relações familiares e afetivas” e de “amor”. Um contexto mais estrito nos permitiu associar esses temas o texto trabalhado em sala de aula “O menino que atravessava paredes”, de José Eduardo Agualusa, que mescla aventura, fantasia e relação familiar. Um cenário mais amplo, entretanto, nos remonta aos gêneros fábula e contos de fada, principalmente os textos difundidos na era romântica, cuja temática recorrente evidenciava a luta do bem contra o mal (aventuras), a punição do mal (que pode culminar com a morte) e o final feliz (o enlace amoroso e a constituição familiar).

A construção do espaço da narrativa também parece dialogar com os cenários das fábulas e dos contos. Observou-se a formação de um esquema conceitual do espaço da narrativa marcadamente europeu, que evoca um clima de suspense, mistério, curiosidade e surpresa. Chamam a atenção os grupos nominais tais como “cabana”, “casa de madeira” e “chalé”, “bosque”, “floresta”, “vila” e “vilarejo”. Tais nomes são frequentemente qualificados por adjetivos como “frio”, “sombrio”, “escuro”, “silencioso”, “distante”, “chuvoso”. Daí se originaram sintagmas nominais como: “casa de madeira, grande, antiga, no meio de uma floresta escura, cheia de neve, com árvores altas de troncos grossos”, “cabana de caçador no meio de uma floresta escura, fria e de árvores altas” e “Uma fina e gelada garoa caía, deixando as ruas de pedras escorregadias e perigosas”. Outros recortes evidenciam cenários relacionados ao Brasil ou a outras regiões tropicais, apresentados por vocábulos como “sítio”, “chácara”, “fazenda”, “praça”, “casa”, “apartamento”, “praia”, “ilha”.

As personagens do texto são, em sua maioria, jovens e adolescentes do sexo masculino, seguidos de personagens fantásticas (fantasmas, ETs, criaturas mitológicas) ou animais. Determinou-se a faixa etária por meio de vocábulos como “jovem”, “adolescente”, “moço”, mais frequentes nos textos. É fato que as narrativas não existiriam sem a presença de heróis, arquétipos do bom moço, de bom caráter, corajosos, fortes e destemidos e que, por isso, servem de guia para nossas condutas. O perfil do herói pode ser evocado por meio de dois adjetivos que se sobressaem: “jovem” e “bonito” – nos textos, não constam homens feios. Outros vocábulos como “aventureiro”, “alto” e “inteligente” somam-se à constituição desse arquétipo, como forma de destacar os atributos físicos (a força, a virilidade do homem, que parece estar associada a “cabelos escuros”) e morais (sua inteligência). Ilustre personalidade será ainda mais admirável se contar com um grupo de fiéis escudeiros – “adolescentes” e “amigos” – na luta em prol do bem, tal como especificado nas aventuras do Rei Arthur e os cavaleiros da tábua redonda.

O perfil feminino é formado por adolescentes ou jovens, cuja descrição faz referências aos cabelos, olhos, estatura, juventude, compleição física e clareza da pele. A esses traços físicos, juntam-se outros itens lexicais proeminentes: “inteligente”, “calma”, “meiga” e “amiga” deixam entrever a idealização da mocinha, figura associada à imagem das princesas dos contos de fada. Nesse gênero, a beleza é uma característica muito valorizada, mas também merece destaque a bondade e generosidade das princesas. Dócil e amável, ingênua e desprotegida, a princesa sonha com o dia em que o seu príncipe a salvará dos perigos a que está exposta e os dois viverão felizes para sempre unidos pelo amor. O contraponto manifesta-se em traços psicológicos tais como: “extrovertida”, “aventureira”, “corajosa”, “decidida”, entre outros.

Esta análise projeta luz sobre o grau de letramento literário dos alunos concluintes do ensino fundamental e recém-ingressos no ensino médio. A exposição a diferentes dispositivos didáticos construídos a partir de diferentes crônicas ao longo da sequência didática foi importante para sua vivência emocional e para a fruição literária, contudo representou apenas um primeiro passo para que eles obtivessem uma visão global das características literárias e do funcionamento sociodiscursivo desse gênero, bem como percebessem a diferença entre este e outros gêneros fortemente marcados por sequências narrativas, como os contos de fadas.

### **Considerações finais**

O projeto de Engenharia Didática desenvolvido e implementado permitiu relacionar metodologia de ensino e atividades de pesquisa, contribuindo significativamente para a construção de conhecimentos em sala de aula. As ações planejadas e executadas foram fundamentais para que os alunos pudessem experimentar, individual ou colaborativamente, a leitura das crônicas por meio da fruição literária, bem como refletir sobre a importância de uma formação estética para a formação de um leitor crítico e mais humanizado.

Os professores compreenderam a importância de trabalhar com sequências didáticas e com o desenvolvimento de materiais didáticos, planejados de modo a garantir a organização, o controle e a avaliação dos processos adotados e dos resultados atingidos. O confronto entre os objetivos de aprendizagem inicialmente previstos com os resultados efetivamente alcançados permitiu mapear as experimentações e sensações vivenciadas, os conceitos apreendidos e as interações estabelecidas.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**: o direito à literatura. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

DOLZ, Joaquim. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. **D.E.L.T.A.**, n. 32.1, 2016, p. 237-260.

ECO, Umberto. **A definição da arte**. Lisboa: Martins Fontes, 1981.

UCHOA, Carlos Eduardo F. A linguística e o ensino de português. In: **Cadernos de Letras**, n. 2. Niterói: UFF/Instituto de Letras, 1991.

VYGOTSKY, L. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.